

**Ensino de Geografia e pandemia  
da COVID-19 no Amapá: relato  
da experiência com a disciplina  
de Prática Pedagógica**

*Eliane Cabral da Silva<sup>1</sup>*

**05**

**Resumo:** Este texto versa sobre a experiência com as disciplinas de Prática Pedagógica I e II, ofertadas no curso de Geografia da Universidade Federal do Amapá durante a pandemia. Discute sobre docência e o ensino de Geografia no contexto da Covid-19 neste estado, a partir da problematização das condições de trabalho docente e das condições de acesso discente às aulas no contexto de ensino remoto/online. Identificou-se dificuldades dos docentes da rede no domínio de tecnologias apropriadas para ensino no modo remoto e dificuldade por parte dos estudantes “carentes” para participarem das aulas porque não possuíam equipamentos e conexões de internet adequadas. Com relação aos licenciados de Geografia que cursaram tais disciplinas, notou-se que a experiência foi importante, porém não ocorreu em sua plenitude, já que as escolas estavam fechadas. Os dados que sustentam as reflexões apresentadas neste artigo são provenientes de registros feitos pelos estudantes das disciplinas de Prática Pedagógica I e II, durante observação online e presencial das aulas ou em entrevista com professores.

**Palavras-chave:** pandemia; Ensino de Geografia; docência; Amapá.

## Contextualização

A atual situação pandêmica trata-se de um colapso anunciado num mundo de economia globalizada. Alertas sobre a possibilidade que um evento dessa natureza pudesse acontecer não são recentes. Pesquisadores das mais diversas áreas, inclusive os da Geografia, já apontavam há algum tempo sobre os perigos desse processo de apropriação sem limites da natureza e sua mercantilização. Estudos de Porto Gonçalves, Rodrigues, entre outros, divulgados na década de 1990, são exemplos da contribuição da Geografia a esse pensamento. Contribuições de cientistas de outras áreas, como a Biologia, a epidemiologia também já asseguravam que a alteração da biodiversidade e a desarmonia do equilíbrio ecológico, associada à intensa ocupação humana, poderia potencializar a contaminação de populações com mutações de vírus presentes nas outras espécies.

De acordo com Harvey (2020), experiências passadas já haviam demonstrado que um dos inconvenientes da globalização crescente é a impossibilidade de parar de forma rápida a difusão internacional de novas doenças, afinal, vive-se num mundo intensamente conectado em que quase todas as pessoas viajam. Assim, as redes humanas para a difusão potencial são vastas e abertas.

Soma-se a isso, a opção de muitos países por um modelo societário focado em políticas neoliberais que promoveu uma diminuição substancial dos investimentos em políticas sociais pelos

---

1. Professora do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: lianecabral@unifap.br.

governos, sobretudo aquelas que envolvem moradia, mobilidade, saneamento, educação e saúde. Esse modelo societário aprofundou o desenvolvimento desigual dos territórios e reduziu, consideravelmente, a capacidade dos estados nacionais darem respostas à altura de situações graves como essa crise mundial de saúde em que vivemos.

Entre os Direitos Humanos Fundamentais, a educação foi e está sendo uma das atividades mais impactadas com a pandemia devido seu perfil de “aglomeração de pessoas”. No Brasil, com o prolongamento pandêmico no mundo, o governo Federal, via Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação, autorizou, em caráter excepcional, a oferta de ensino à distância como medida paliativa para as perdas de aulas dos estudantes. A Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação, delibera sobre isso.

Essa medida que parece ter funcionado bem na rede particular de ensino, enfrentou dificuldades para acontecer na rede pública. Motivo? O abismo existente no acesso às condições necessárias para que esse processo aconteça, entre a maioria do público que frequenta as escolas públicas e aqueles que estão na rede particular. Situação que se explica pelo conceito de desigualdade social.

O intuito principal ao escrever esse texto foi compartilhar nossa experiência com as disciplinas de Prática Pedagógica I e II, ofertadas no curso de Geografia UNIFAP durante a pandemia. Contudo, é impossível falar dessas disciplinas, sem discutir sobre a docência e o ensino de Geografia no contexto da Covid-19, condições do trabalho dos professores e condições de acesso dos estudantes da rede pública do Amapá às atividades educativas nas modalidades remota/*online*.

Como decorrência dessas observações, notamos dificuldades por parte dos professores para trabalhar nesse formato de ensino remoto/*online*; falta de planejamento do órgãos gestores da educação estadual ao implementar essa sistemática de ensino remoto/*online* e a exclusão de muitos alunos/alunas e filhos/filhas da classe trabalhadora do processo de ensino por não terem os meios digitais de acesso. Os dados que sustentam as reflexões presentes no texto são provenientes de registros feitos por estudantes das disciplinas de Prática Pedagógica I e II, durante o período de observação *online* e presencial das aulas ou a partir de entrevista com professores.

## **DISCIPLINAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICA I E II: FUNDAMENTOS E IMPORTANCIA**

As disciplinas de Prática Pedagógica I e II foram ofertadas aos estudantes do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Amapá – Campus Marco Zero Equador, no período compreendido entre os meses de novembro de 2020 a setembro de 2021. Devido a necessidade de isolamento social/individual em função do contexto pandêmico, foram ofertadas na modalidade remota, amparadas na resolução nº 16/2021- CONSU/UNIFAP. Essas disciplinas possuem, cada uma, carga horária de total de 210 horas/aulas, sendo o conteúdo dividido entre atividades de discussões teóricas, oficinas de práticas (60 horas/aula), vivência escolar (120 horas)

e produção de relatório final da disciplina (30 horas).

Do ponto da organização desses conteúdos, as atividades ocorrem num formato que permite que as discussões teóricas, oficinas práticas e vivência escolar ocorram de forma interrelacionada. Nesse sentido, as observações escolares e aulas nas universidades ocorrem de forma concomitante, permitindo a partilha e discussão das inquietações relacionadas às vivências nas escolas com turma, na sala aula da universidade. O intuito é construir processos crítico-reflexivos a partir de questões significativas para os estudantes.

Pimenta e Lima (2017) destacam que, no Estágio, os momentos teóricos e práticos precisam ser concebidos como um percurso formativo que vai alternando os momentos de formação na universidade e no campo de Estágio, de maneira que a teoria e a prática estejam presentes tanto na academia quanto nas instituições-campo. Promover um intercâmbio no processo formativo entre o que se teoriza e o que se pratica em ambos os espaços é o ideal .

Entretanto, para além do viés crítico-reflexivo, o momento do Estágio deve ser considerado também pela sua potência na formação do estudante pelo elemento da experiência, aqui entendida nos termos defendidos por Jorge Larrosa (2002). Para esse autor, “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. Assim, do ponto de vista da formação de licenciados, a dimensão da experiência trata de momentos em os estudantes começam a se perceberem no movimento da docência, a construir uma identidade a partir da docência.

No contexto da situação relatada, a partir da realização das disciplinas de Prática Pedagógica I e II, alertamos que o “modus operandi” de aulas remota com atividades síncronas e assíncronas, adotado na pandemia, impactou nesse percurso formativo. O distanciamento físico dos estudantes resultou em aulas menos interativas e dialógicas. Questões de ordem técnica como o não acesso a uma boa conexão de internet e, não raro, as interrupções no fornecimento de energia nos horários das aulas também corroboram nessa situação.

Porém, um dos maiores dilemas desse curso foi justamente a parte de vivência na escola, visto que não se tinha escolas da rede básica de ensino funcionando em um contexto de normalidade. Os estudantes tiveram muita dificuldade para encontrar campo nas escolas, mesmo que de forma virtual. Como foi esse processo, exporemos na sequência, com a apresentação dos relatos dos estudantes.

## **RELATOS DOS ESTUDANTES**

O primeiro relato é da Aluna A. Essa acadêmica foi aluna da disciplina de Prática Pedagógica I e realizou a sua observação escolar no município de Laranjal do Jari, sul do Amapá e distante 269 km da capital Macapá. Essa estudante não conseguiu observar as aulas de Geografia por não ter conseguido campo e a opção para se aproximar da realidade escolar foi a realização de entrevista com professor de Geografia. Vejamos o que ela escreveu:

O meu contato com o professor [...] se deu por meio das redes sociais, WhatsApp. Foram feitas algumas perguntas a ele, no intuito de fazer um diagnóstico dos desafios de ministrar Geografia de forma remota. Ao todo, foram feitas 9 perguntas, respondidas por mensagens de texto no WhatsApp.

[...] o professor relatou que dificuldade é o que não falta, destacando que uma das principais dificuldades é a perda do vínculo com o aluno, ficando sem saber se o aluno sabe se expressar, se sabe ler e fica sem saber as habilidades que o aluno pode ter. Visto isso, fica difícil avaliar o aluno qualitativamente.

[...] frisou também outra dificuldade, a falta de identidade do aluno, às vezes entrando com o nome da mãe, outra vez com o celular do irmão, tendo a dificuldade de identificar o aluno. Informa também a dificuldade do aluno ligar a câmera... [...] os alunos não são assíduos, pouca participação, entram a hora que querem, ou seja, sem regra para entrarem na aula. Relatou que até mesmo os pais se envolvem mais que os filhos. [...] perguntado sobre seus principais desafios, o professor diz que é o medo da sua imagem ser exposta nas redes sociais, e, aprender a lidar com a tecnologia, pois ainda segundo ele, é pré analfabeto digital. Ainda sobre essa comparação entre ensino remoto e presencial, o professor foi questionado da sua opinião acerca de qual seria melhor. Em sua resposta, o docente diz que o ensino remoto só é melhor pela maior interação da família do aluno e um pouco pela comodidade de se trabalhar de casa, mas que no geral o ensino presencial é muito mais eficaz, pelo fato de em sala de aula poder se monitorar o desenvolvimento do aluno, já no ensino remoto não, pois sempre fica a dúvida se os alunos estão mesmo assistindo a aula. Além de que esse modelo exclui alunos em vulnerabilidade social, impedindo-os de acessarem um direito universal à educação (Aluna A, semestre 2020.1. Trechos do Relatório Final da discente da disciplina de Prática Pedagógica I)

O professor entrevistado pela Aluna A reside na cidade de Laranjal do Jari. A infraestrutura de comunicação nessa cidade não é das melhores. A aluna, que cursou toda disciplina residindo lá, enfrentou momentos de dificuldades para acompanhar as aulas síncronas na universidade porque a cidade estava sem sinal de internet. Fato que era mais constante nos períodos de chuvas na região.

Na transcrição que fala do professor, fica evidente as dificuldades do sistema de aulas remota/*online* funcionarem nesse espaço de infraestrutura precária. Ele ainda menciona sobre o despreparo dos professores da rede básica em lidar com tecnologias e se refere ao desinteresse dos estudantes na aula. Diante disso, argumenta sobre os problemas do ensino remoto e de seu potencial de promover exclusão. Como fator positivo, o professor relata para Aluna A que foi o maior contato com a família dos estudantes. Sobre a avaliação da Aluna A a respeito da contribuição desse contato com escola/professor na sua formação, ela advertiu que:

[...] a falta da experiência de ir a campo e ver tudo aquilo que vemos na teoria, é grande. A entrevista com um professor, tapa algumas lacunas, mas não é o ideal. Porém, podemos perceber o quão prejudicial é o ensino remoto. Uma vez que presencialmente muitos professores já se veem limitados enquanto suas práticas, mantendo um padrão tradicional do professor que repassa o conhecimento, a modalidade EaD limita ainda mais o trabalho do professor, que mesmo até tendo uma vontade de ser criativo e crítico, se vê impedido pela deficiência do modelo (Aluna A, semestre 2020.1. Trechos do Relatório Final da discente da disciplina de Prática Pedagógica I)

A aluna B fez sua observação em uma escola urbana de Macapá. Essa escola teve, recentemente, a sua gestão assumida por militares, passando ao grupo de escolas militares do Amapá. Nesse caso, a estudante também não conseguiu espaço para acompanhar as atividades realiza-

das pela professora com os estudantes. Vejamos o que B nos relata:

As observações que pude fazer foram através da própria professora, pois não tive autorização para ser participante do grupo de WhatsApp das turmas, impossibilitando que pudesse ter o mínimo de contato possível com os alunos. A professora auxiliava com relação ao conteúdo programado de cada semana e informava qual metodologia iria utilizar, gravação de vídeos explicando os temas que seriam abordados em determinada semana, slides esclarecendo as atividades avaliativas ou facilitava o acesso aos links do YouTube que contribuem para o entendimento do aluno, como método diferenciado de abordagem. A professora de Geografia da escola que eu estava acompanhando possibilitou que pudesse fazer duas intervenções com as turmas de sexto ano, durante o período letivo do segundo bimestre. A primeira intervenção ocorreu na semana do dia 15 a 21 de agosto, por meio de gravações de vídeos, escolhi o conteúdo que gostaria de trabalhar, através dos capítulos e o tema selecionado foi “A terra em movimento”, gravei 12 vídeos de um minuto e meio cada, pois os vídeos deveriam ser curtos devido ao WhatsApp ter limitações com relação ao tamanho do arquivo, de acordo com a professora. (Aluna B, semestre 2020.1. Trechos do Relatório Final da discente da disciplina de Prática Pedagógica I)

Conforme relato da Aluna B, a partir dos nomes dados às turmas escolares, já se observa característica da disciplina militar no interior da escola. Não sabemos se foi por conta disso que não permitiram que a estudante acompanhasse os grupos de *WhatsApp* das turmas, contudo ela contribuiu preparando materiais sobre os conteúdos das aulas para a professora. Também fica explícito no relato como foi o contato da escola com estudantes durante os períodos mais críticos da pandemia no estado. *WhatsApp* e *YouTube* foram os principais meios utilizados, não se observando o uso de ferramentas digitais que permitisse a realização de aulas *online* com os estudantes. Sobre a sua avaliação a respeito desse contato que teve com a escola, ela escreve:

[...] foi possível perceber os processos e dificuldades encontrados no ensino durante o período da pandemia e após o possível retorno de aulas no ensino híbrido, a necessidade do contato presencial é de suma importância para a construção estudantil do aluno, pois a metodologia que foi imposta pela escola distancia os alunos dos professores, principalmente pelo fato da escola não ter adquirido as plataformas de aulas remotas como o Google Meet, dificultando a compreensão e tardando o ensino dos alunos.

O aluno C, que cursou a disciplina de Prática Pedagógica II, também se utilizou do recurso de entrevista com professores para ter maiores informações sobre como se deu a ensino de Geografia no período pandêmico e estabelecer alguma aproximação com a realidade escolar. Vejamos um trecho do seu relato:

Iniciamos a entrevista falando sobre as principais dificuldades enfrentadas tanto pelo professor quanto pelo aluno e a principal delas foi a utilização de ferramentas como o *Google Meet*, que até então não eram ferramentas que os professores possuíam familiaridade. Então, a questão da adaptação à plataforma foi uma dificuldade, o professor relata que não conseguiu ministrar a primeira aula e que estava sofrendo pressão da escola para que se adaptasse e ministrasse as aulas o mais rápido possível. A escola adotou um calendário que alternava entre aulas remotas e atividades a serem entregues, quando perguntado sobre haver algum critério para esse calendário o professor relatou que não houve um planejamento e que a escola fez tudo na correria, deixando esse intervalo entre as aulas para facilitar a organização do professor e a assiduidade do aluno nas aulas. Dentro desse cenário, o professor adotou na disciplina de Geografia a avaliação baseada em dois fatores: a presença e participação do aluno dentro do Meet e as atividades enviadas semanalmente para complementar o assunto

trabalhado. Entretanto, a presença contínua dos alunos na sala só era percebida quando de alguma forma eles eram “ameaçados” a estar presentes, seja através de questionamentos ou perda de pontos pelo fato de desligar a câmera ou não responder a chamada. Quando questionado sobre o processo de ensino e aprendizagem, o professor foi bem firme em sua afirmação, na qual ele julga que 90% do ensino foi comprometido devido as aulas serem retomadas de maneira inadequada, apenas para mascarar e mostrar que a escola teria retornado, porém sem um planejamento e sem qualidade suficiente para que os alunos pudessem obter com clareza o ensino em sua totalidade. (Aluno C. semestre 2021.1 Trechos do Relatório Final da discente da disciplina de Prática Pedagógica II)

O relato do estudante C, construído com informações que obteve na entrevista com o professor, nos mostra que a questão do domínio de ferramentas digitais para realizarem as aulas na sistemática Ead foi, de fato, um dos muitos problemas enfrentados pelos docentes para realizarem suas aulas nesse contexto pandêmico.

Diferente do observado em outras escolas e com outros professores, esse professor optou por usar o *Meet* para estabelecer um contato virtual e visual com seus alunos. Como foi escolha do professor, possivelmente deve ter utilizado a versão gratuita do aplicativo que tem algumas limitações no uso dos recursos. O estudante destaca, também, a preocupação do professor com a participação dos alunos nas aulas, que era pequena, evidenciando que o nível de aprendizado dos estudantes estava bem baixo. Como avaliação das contribuições dessa parte da disciplina de Prática Pedagógica II na sua formação, esse aluno explicou que:

[...] a entrevista serviu como um diagnóstico sobre todos os fatores e observações feitas por um professor durante esse período de ensino remoto. Durante as respostas, foi possível observar que as ferramentas tecnológicas ainda são um obstáculo no ensino e que o ensino remoto representou uma perda grande de conhecimento de ensino, visto que o acesso e a permanência dos alunos na sala é algo difícil de se controlar na maneira remota e, a isso, alia-se o não planejamento e a falta de um plano efetivo de ensino e aprendizagem

O relato do estudante D tem como base a sua participação no grupo de *WhatsApp* das turmas e nas aulas do professor de Geografia, que lhe abriu o campo.

Em relação às atividades e trazendo um exemplo das turmas do segundo ano, em um dia de entrega dessa demanda, de 90 alunos apenas 06 entregaram, ou seja, apenas 7% das quatro turmas conseguiram dentro do prazo de uma semana entregar suas atividades. Neste dia, o professor tinha programado discutir a atividade, questão por questão, mas para isso, os alunos tinham que ter cumprido o combinado. E, para não os prejudicar, o professor estendeu por mais uma semana, com a pontuação de 80% da nota da atividade. Ele, inclusive, tirou alguns minutos para falar desses contratempos que nós iremos encontrar no decorrer de nossa carreira como professores. (Aluno D, semestre 2020.2. Trechos do Relatório Final da discente da disciplina de Prática Pedagógica I)

Nesse caso, as turmas observadas foram do Ensino Médio e o trecho citado do relatório do estudante se refere a uma realidade que ouvi de muitos outros acadêmicos, que foi a pouca participação dos estudantes nas aulas e nas atividades enviadas pelos professores no formato digital. Em outras partes do seu relatório, tem informações que julgo importantes para entendermos a precariedade na qual ocorreu a sistemática de ensino à distância nessas escolas. Observa-se que,

no caso desse professor em específico, os grupos de *WhatsApp* que ele utilizava para se comunicar com as turmas chegou a ter 100 estudantes, devido uma junção de várias turmas do Ensino Médio. O professor relatou ao acadêmico que muitos dos seus alunos não conseguem baixar os materiais enviados no grupo, por falta de dados móveis, e que muitos usavam o celular dos pais para acessar as atividades postadas nos grupos. Como avaliação das contribuições da disciplina Prática II na sua formação, esse aluno explicou que:

[...] acreditamos que ser professor de Geografia no contexto pandêmico requereu habilidades com os recursos digitais que não eram tão frequentes. Foi exigido muito esforço por parte de todos, das instituições de ensino, dos professores e dos alunos. Foram necessárias organização de estratégias e metodologias que pudessem proporcionar aos educandos a continuação do ensino, mesmo de forma precária e com os recursos mínimos, uma vez que, a educação não é uma prioridade no país em que vivemos.

Por fim, destacamos o relato feito pelo estudante F. Esse estudante fez a sua observação em uma escola militar no município de Macapá. No período que fez o Estágio, a escola estava retornando às aulas presenciais e o estagiário pôde acompanhar presencialmente algumas delas. Diante disso relata:

Ao entrar na sala de aula da turma 9º Bravo, fiquei parado perto da porta junto à professora, esperando o chefe de turma do dia apresentar e passar a responsabilidade da turma para a professora, que aceitou e em seguida se acomodou em sua mesa me apresentando para a turma. Sentei-me na última carteira da sala e iniciei as observações, a priori pude perceber a turma muito calada, não querendo interagir com a professora durante a aula, apenas sentados olhando para ela enquanto ela explicava o conteúdo e tentava a todo custo fazer eles interagirem através de perguntas, a impressão que eu tive que ela estava administrando aula para robôs. Após o término do primeiro horário de 50 minutos, fomos para a turma 9º Charlie, onde o processo de entrada e apresentação na turma se repetiu durante a entrada em cada turma, só que nesta turma, já houve uma interação um pouco maior, mas ainda tímida. No intervalo, fui para a sala dos professores onde pude conversar com eles e ouvir seus relatos de como este comportamento por parte dos alunos é generalizado, todos estavam calados, sem vontade de estudar, comportamento, segundo os professores, atípico, pois antes da pandemia eles eram bem mais comunicativos e participativos na aula. Na turma 9º Alfa, seguiu a mesma postura das outras turmas, mas devido a interação com outros professores antes, eles já estavam um pouco mais comunicativos. (Aluno F. semestre 2020.2. Trechos do Relatório Final da discente da disciplina de Prática Pedagógica I)

Interesse notar, conforme descrito pelo acadêmico, um certo desânimo do estudante da escola nesse retorno, lançando uma impressão de estarem desmotivados. Sabe-se que a pandemia prolongada em que vivemos afeta as pessoas de muitas formas, e a questão da saúde mental é uma delas. Nesse sentido, pergunta-se se o sistema de educação do Estado está se atentando para essa dimensão da vida dos estudantes. Sobre a contribuição dessa atividade na sua formação, F nos disse que,

Ao concluir as observações na escola, pude perceber que a volta às aulas foi cedo demais, ainda não era o momento, os alunos assim como todos nós passaram por muitas experiências desagradáveis, perdas, falta de perspectivas e voltar ainda com a pandemia acontecen-

do e sem acompanhamento psicológico, dificulta o desenvolvimento da Geografia no Ensino Fundamental. O professor não consegue construir um pensamento cartográfico junto aos alunos para assim compreender melhor o espaço, assuntos tão importantes e debatidos nas aulas de Prática I. Mas neste momento de mais dificuldades que o professor enfrenta, ele deve juntar o amor aos saberes geográficos e aos alunos e elaborar metodologias específicas para aquela escola a fim de superar essas dificuldades impostas por problemas sociais, econômicos e, às vezes, familiares. A volta às aulas presenciais trouxeram também uma realidade e experiência nova, mas também surgiram dificuldades novas, o professor teve seu trabalho duplicado, a dificuldade de se comunicar com o aluno piorou com o uso de máscaras, visto que o professor tem que falar bem mais alto para o aluno compreender e isso acaba adoecendo a garganta, além, claro, das máscaras ajudarem os alunos a permanecerem mais calados e interagirem menos durante a aula. Para contribuir ainda mais, o professor fica limitado ao uso do livro didático por orientações da coordenação, que por sua vez está apenas fazendo seu trabalho de colocar em prática o que os órgãos superiores definem.

## CONSIDERAÇÕES

Observamos, a partir do exposto pelos estudantes das disciplinas de Prática Pedagógica I e II que, em sua maioria, o contato entre professores e estudantes da rede pública, nesse período que as escolas estavam fechadas, foi feito via mensagens *WhatsApp*. Os encontros virtuais com os estudantes, quando ocorreram, foram esvaziados, não de suas presenças virtuais, mas sim com relação à participação e à constância de atenção dos estudantes. O desconhecimento dos professores sobre tecnologias digitais que poderiam tornar suas práticas mais didáticas e simples, fez do trabalho do docente mais árduo e sobrecarregado durante esse período. Imaginem um professor com cerca de 100 estudantes em grupo *WhatsApp* que constantemente estão lhe perguntando questões.

Destaca-se o fato de que não foi observada a adoção de medidas por parte do governo estadual quanto à diminuição da exclusão digital dos alunos mais pobres. Certamente, o evidenciado aqui no Amapá foram situações recorrentes nas periferias do país durante o contexto pandêmico, contudo, nota-se que aspectos do desenvolvimento geográfico desigual que se expressa, entre outros elementos, no pouco desenvolvimento de redes de tecnologias elétricas do Estado e outras questões, parecem deixar essa população ainda mais vulnerável, diante de crises mundiais como essa da pandemia de Covid-19.

No tocante às disciplinas de Prática Pedagógica I e II, nota-se que as disciplinas aconteceram, porém a maioria dos estudantes foram privados do contato com estudantes da rede básica de ensino; uma vivência que seria muito importante. A participação nas aulas *online*, nos grupos de *WhatsApp* ou mesmo entrevista com professores não dão conta de todas as relações que existem na escola a partir do encontro dos sujeitos.

Mas, se por um lado tivemos dificuldades com realização de algumas etapas do percurso formativo, por outro foi importante os alunos conhecerem a realidade na qual o ensino de Geografia se deu no contexto pandêmico, visto que compreender essa realidade e opções societárias ou políticas que fazem dela mais impactante a certas populações é parte também do processo formativo.

Por meio dos relatos dos acadêmicos percebemos que, diferente de outros momentos na mesma disciplina, dessa vez as análises dos estudantes acabaram focando mais no território que envolve a escola e não no território limitado entre os da escola. Desse modo, como ressalta Ancassuenerd (2008), os Estágios devem acontecer como espaços de pesquisa e de produção e conhecimento sobre a cidade, a partir da escola e dos sujeitos que estão nelas. Entendemos que houve uma leitura crítico-reflexiva sobre o vivenciado, mesmo que nesse contexto mais restritivo. De toda forma, será bom que voltemos logo às aulas presenciais!

## REFERÊNCIAS

- ANCASSUENERD, Marli Pinto. Estágio e Produção de conhecimento . In: ENDEPE – **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 14., 2008.
- LARROSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira da Educação**, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. Geografia. Brasil e Projeto Nacional. **Mesa Redonda Virtual**. ANPEGE: 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/anpege/videos/563483417935929/?v=563483417935929>. Acesso em: 20 ago. 2020.